

# Borio quer revitalizar cultura do DF

Exprimindo sua experiência em Paris e Washington, novo secretário promete trazer exemplos bem-sucedidos para Brasília

ALEXANDRE GUIOTE  
REPÓRTER DO JB

Ex-Secretário Especial de Representação do Paraná em Brasília, o diplomata Pedro Henrique Lopes Borio assumiu, este mês, a Secretaria de Cultura do Distrito Federal no lugar de Luiza Dornas. Em sua gestão, pretende desenvolver um trabalho em conjunto com as Secretarias de Educação, de Indústria e, em especial, com a de Turismo.

Calcado em suas experiências diplomáticas no exterior, ele pretende desenvolver uma política cultural inspirada em exemplos bem-sucedidos em cidades como Paris e Washington (onde atuou na assessoria de Paulo de Tarso quando este era embaixador do Brasil no

país). A grande expectativa de Borio gira em torno da criação do Complexo Cultural da Esplanada dos Ministérios, anunciada pelo governador Joaquim Roriz (PMDB). Arquitetado por Oscar Niemeyer, a obra faz parte

do projeto original de Brasília e prevê a construção de seis prédios que reunirão um museu, uma biblioteca, uma casa de espetáculos e uma galeria unindo os dois lados da Esplanada.

Nesta entrevista ao **Jornal do Brasil**, ele fala sobre as expectativas frente a pasta, como será sua gestão e como atuará em relação ao incentivo cultural.

**—Qual sua expectativa no trabalho frente a Secretaria de Cultura?**

— Em primeiro lugar acredito que a cidade tem uma dinâmi-

ca muito grande, com uma atividade cultural bastante intensa. Brasília tem hoje um circuito mais nobre, com grandes exposições. A música está vigorosa— tanto popular quanto erudita — e o Festival de Cinema continua prestigiado. O que se percebe é que a cidade mudou de patamar. Quem morou em Brasília foi para o exterior e voltou nota uma evolução muito positiva na parte cultural. O público é maior. O número de protagonistas privados aumentou. Há mais concertos e galerias. É um fato estimulante. Junta-se a isso a decisão do governador Roriz de avançar com a obra do Complexo Cultural. Isso é fundamental para o futuro de Brasília. Outras cidades parecidas passaram por isso e os resultados foram incríveis. É

**"Brasília tem hoje um circuito mais nobre, a cidade mudou de patamar"**

o caso de Washington, que depois do *John F. Kennedy Center for the Performing Arts* passou a ter atrações de mais alto nível. Lá houve uma conjugação de arte e cultura com a indústria do turismo e isso teve um impacto im-

portante para a cidade. A galeria nacional de Washington, outro exemplo, recebia cerca de 3,2 mil pessoas por ano. Depois da gestão de Carter Brown, curador de arte morto recentemente, a galeria passou a receber 6 milhões de pessoas por ano. Para se ter uma idéia do que isso representa, Washington possui 2 milhões de habitantes. Esse tipo de mudança é fundamental para o desenvolvimento do perfil econômico, cultural e educacional de uma cidade.

**— Qual a expectativa em rela-**



Diplomata ligado à nova secretária de Turismo, embaixatriz Lúcia Flecha de Lima, Pedro Borio quer que as duas pastas trabalhem integradas

**ção à construção do Complexo Cultural da Esplanada dos Ministérios, anunciada por Roriz?**

— O governador disse que foram tomadas as providências para a construção. Acredito que já tenha uma verba separada. É o arremate da Esplanada — vitrine do Brasil. Falta para a cidade a parte cultural mais densa. Desde a concepção original do plano de Brasília havia o projeto de um complexo de peso para fazer contraponto com a parte política da cidade. A construção dele gera um entusiasmo enorme. Para fazer esse trabalho precisaremos do apoio

de todas as parcerias. Para trazer as melhores coisas é preciso ter as melhores estruturas. O complexo irá credenciar Brasília para entrar na primeiríssima classe de recepção cultural do mundo.

**— O preço dos ingressos para shows na Sala Villa-Lobos e o esquema de aluguel da casa são bastante criticados pelos artistas locais. Pretende mudar esse quadro?**

— Isso vamos estudar cuidadosamente. O próprio crescimento dos artistas locais vai diminuindo esses problemas. Claro que há eventos realizados pela iniciativa privada que pouco se

pode fazer em relação ao preço dos ingressos. Onde for possível atuar nessa linha vamos atuar. O Teatro Nacional Cláudio Santoro é o espaço mais nobre da cidade, também não pode chegar a ter qualquer apresentação. Pelo que tenho visto, a Orquestra Sinfônica do Teatro tem obtido muito sucesso com apresentações gratuitas.

**— E a Rádio Cultura, que chegou a estimular manifestos de artistas locais depois da mudança de perfil?**

— Soube das mudanças na Rádio Cultura por intermédio da imprensa, mas ainda não conheço bem o assunto.

**— Como será sua gestão?**

— Com certeza a Secretaria de Cultura vai trabalhar mais próxima das Secretarias de Turismo, de Educação e de Indústria. Há um interesse pela parte cultural, porque ela gera emprego e renda. A minha colega, a secretária de turismo Lúcia Flecha de Lima, está fazendo uma proposta ambiciosa. Quer dobrar o turismo em Brasília. Para isso precisa ter uma intensa participação do segmento cultural, com bons eventos e facilidade de acesso. Quem vir para precisará saber que ela tem um ótimo pacote hoteleiro, um comércio atraente e grandes espetáculos, exposições e show de música. Temos que ter essa ambição de ter a cultura no nível de ser espelho do que tiver de melhor no país.

**— E como isso será feito?**

— Há uma discussão no Congresso de mudar a Lei Rouanet. Vamos esperar para ver o que vai acontecer. A Rouanet virou

uma moeda corrente. As instituições privadas tem sido competentes, caso do Unibanco, do Instituto Itaú Cultura, do Instituto Moreira Sales e outros. Queremos que eles se sintam estimulados a vir investir aqui. No caso do Complexo Cultural precisaremos de todas as par-

**"Não gosto de falar em mudanças, os projetos que estão aí tem uma história"**

cerias. Outro lado interessante é o da comunidade internacional. Com mais de uma centena de embaixadas na cidade, pode ter certeza que vamos bater na porta de todas para saber o que elas têm de melhor na área

de cultura para trazer para cá.

**— Pretende mexer em projetos como o Festival Internacional de Cinema de Brasília e o Arte por Toda Parte?**

— Não gosto de falar de mudanças. Os projetos que estão aí tem uma história e uma dedicação. O Festival de Cinema é uma linda tradição da cidade. O Arte por Toda Parte ouvi que há uma idéia para mudá-lo. Sempre existem críticas. O importante é que existe esse acervo de experiência. Não se está inventando a roda, temos que escutar quem tem feito os projetos. Quando Paris construiu o *Centro Georges Pompidou* foi um sucesso e Paris recebeu publicidade gratuita no mundo inteiro. Com a reforma do Louvre, antes com dificuldade para atender visitantes, a cidade passou a ser duas vezes mais atraente. Olhar o que os outros fizeram é uma experiência que a diplomacia me trouxe bastante. Não basta ficar só olhando para o Distrito Federal.

guiote@jb.com.br